



Mobilização da juventude abriu a jornada de luta das massas em 2013

Junho marcou o início das lutas nacionais da juventude e da população por suas reivindicações. O problema do transporte que afeta os estudantes, limitando seu direito ao estudo e ao lazer, comprovou, ao longo do mês, ser apenas um dos problemas que atinge os trabalhadores e a juventude oprimida. A inflação, o desemprego, o aumento do custo de vida e a destruição dos serviços públicos, como saúde e educação, acumularam-se no período, dando forma a uma revolta contra as instituições do Estado.

Um movimento tão grandioso mostrou a força das massas quando se colocam nas ruas por suas necessidades vitais. A juventude demonstrou seu ódio de classe oprimida contra o Estado, enfrentando a repressão. Os governos, para evitar o crescimento da luta, voltaram atrás no aumento das passagens.

Os meses desse segundo semestre mostraram que os problemas sociais continuam sendo enfrentados pelos trabalhadores e pelos estudantes. Ocupações de universidades, como a da USP, da UNICAMP e UECE. Greves de professores no Rio de Janeiro, Pará, Mato Grosso, etc. Greve de trabalhadores dos Correios e dos Bancos. Greve de petroleiros por salário e contra privatização do petróleo. Greve de operários de metalúrgicas, como a da Toyota.

As lutas indicaram que a crise econômica mundial afeta duramente as condições de vida da população. Em todos os movimentos, a juventude saiu às ruas com suas reivindicações e se juntou aos trabalhadores.

Esse é o caminho que devemos continuar seguindo: utilizando o método da ação direta, da luta coletiva em defesa dos direitos sociais, como a defesa da educação e do emprego.

Organizar os grêmios e colocar os estudantes nas ruas

Garantir as reivindicações da juventude e dos trabalhadores exige organização. Instrumentos coletivos de luta, como os grêmios, são fundamentais. Permitem mobilizar os estudantes e garantir as decisões democráticas sobre as reivindicações. É preciso comparecer às ruas organizadamente. Assim, se superam as ações individuais, que não fortalecem a luta coletiva.

O grêmio permite debater os problemas, reunir os estudantes e projetar suas reivindicações para além dos muros da escola. Para isso, precisa ser democrático e independente das direções escolares. Uma rede de grêmios de luta pode servir para alavancar a mobilização em regiões em que a juventude tem se levantado.

É urgente organizar os grêmios independentes, que sirvam à mobilização dos estudantes secundaristas.

Fechamento de sala de aula no período noturno

As diretorias de ensino de várias regiões de São Paulo, como em Caieiras, Lapa, Litoral Norte, Itaquera e Penha vêm fechando turmas do período noturno com a justificativa de que não há "demanda". Em algumas escolas, chegam a fechar todo o noturno. Devemos ser contra essa imposição que ocorre na rede estadual.

Os governos modificaram as leis para impedir que os estudantes com menos de 16 anos trabalhem. Esconde que a maioria dos jovens pobres precisa trabalhar antes dos 16 anos. A Escola de Tempo Integral é feita para uma minoria que pode ficar o dia inteiro na escola.

Na realidade, temos dois grandes problemas: 1) metade dos jovens em idade de 14 a 17 anos está fora das escolas; 2) a maioria dos jovens precisa trabalhar e estudar. O fechamento de sala de aula no noturno prejudica a maioria dos estudantes que trabalha e estuda e ainda prejudica aqueles estudantes que complementam o ensino médio com cursos profissionalizantes. Temos muitos jovens e adultos que estão fora da escola, ou porque não conseguem combinar os estudos com o trabalho, ou porque não encontram vagas no curso noturno.

Nós, estudantes, temos de enfrentar esse ataque do governo com a unidade entre estudantes, pais, professores e funcionários das escolas, defendendo a abertura de todas as salas fechadas e manutenção do ensino noturno em todas as escolas de Ensino Médio. Temos, também, de ter uma proposta para que todos possam estudar e trabalhar. A reivindicação é a de emprego e estudo a todos os jovens, por meio da implantação de 4 horas na produção e 4 horas para os estudos. Trata-se de uma luta coletiva para impor aos governos essas reivindicações.

Polícia assassina mais um jovem da periferia

O assassinato de Douglas Martins Rodrigues, no dia 27, se soma a milhares de jovens pobres que vêm sendo mortos pela polícia militar. Ainda com vida, disse: “por que o senhor atirou em mim?”. O policial inventou uma história para esconder o ato bárbaro desfechado contra o jovem. Mas, a população reagiu com seus métodos de luta. Não aguenta mais enterrar seus filhos e deixar impunes os assassinos. Revoltados, os moradores bloquearam avenidas, quebraram a viatura da PM e atearam fogo em ônibus e carros. O governo e sua polícia reprimiram os manifestantes e tentaram, por meio da imprensa (TV), caracterizar o protesto como se fosse de vândalos.

Não tem como defender a vida dos jovens pobres a não ser com a luta, com os protestos coletivos e com a organização dos comitês populares nos bairros. O governo Alckmin recorreu ao governo Dilma para aumentar a repressão sobre esses protestos. A nossa resposta é a da luta coletiva contra os assassinatos dos jovens pobres.

Nenhuma punição aos Black Blocs

Tem crescido o contingente de jovens que se utiliza das redes sociais para preparar os protestos. São chamados de Black Blocs. Sua ação é a de despejar a revolta sobre os Bancos, órgãos dos governos e a polícia. Essa juventude age à margem do movimento de massa, da democracia operária e dos métodos da classe proletária. Porque se recusam a se politizar, não acatam as decisões coletivas, rejeitam a presença dos partidos de esquerda e às vezes até se recusam a ler os panfletos que são distribuídos no movimento social. Atuam, assim, de forma anárquica. Uma parcela de jovens dos bairros pobres admira a ousadia dos Black Blocs, mas não compreende que essas ações descoladas do movimento social e do programa proletário não são capazes de derubar o sistema capitalista. A tendência é a dos governos aumentarem a repressão para esmagar os Black Blocs.

Vários jovens estão presos e condenados pela Lei de Segurança Nacional. Embora não concordemos com o seu método, devemos rechaçar a repressão sobre os Black Blocs e exigir a imediata liberdade aos jovens.

História do Movimento Estudantil

O movimento estudantil tem uma história de luta em defesa do ensino público. Durante séculos, a Igreja controlou o ensino no País. No período colonial (1500-1822), as poucas escolas estavam voltadas a manter o poder da metrópole portuguesa sobre a colônia brasileira. A grande maioria da população - escravos, índios e os pobres das cidades - não tinha o direito aos estudos, sequer era alfabetizada. Com a independência, em 1822, se esperava uma mudança. No entanto, manteve-se o mesmo quadro de controle da escola pela Igreja Católica. Como se vê, a escola foi implantada por meio da propriedade privada da Igreja. Somente com o fim da escravidão e o nascimento da indústria é que uma parcela dos explorados começou a ter acesso à escola pública. Com essa nova situação, o movimento estudantil surge e inicia a sua organização.

Origem da UNE (União Nacional dos Estudantes) e da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas)

Em 1910, foi realizado o I Congresso Nacional dos Estudantes, em São Paulo. Mas a UNE será fundada em 1938, no II Congresso. Politicamente, esteve sob o controle do governo de Getúlio Vargas. Mas, pouco tempo depois, a UNE passou a ser oposição ao governo ditatorial de Vargas. Os estudantes se voltaram contra o apoio do governo aos países defensores do nazifascismo. Devido à luta independente antifascista, suas lideranças são perseguidas e presas.

A UBES, por sua vez, foi fundada em julho de 1948, no Rio de Janeiro. Representava todos os estudantes de escolas de ensino fundamental, ensino médio, técnico, profissionalizante e pré-vestibular. Já nas décadas de 30 e 40, os estudantes secundaristas se organizavam no interior das escolas, nos grêmios dos antigos colégios estaduais, os liceus. A necessidade de unir os estudantes em torno de um único organismo fez surgir a UBES. Assim como a UNE, a UBES foi importante para politizar os secundaristas.

Está aí por que com o golpe militar de 1964 sofreu dura repressão, juntamente com a UNE, sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos. Somente em 1990 foi reconstituída. No entanto, não tem cumprido com o objetivo de organizar os grêmios nas escolas de ensino fundamental, médio e técnicas. Isso porque não conta com uma direção de luta. Está sob o controle do PCdoB e do PT que a submetem aos governos. Seus congressos são fechados e manipulados. O que impossibilita que os estudantes expressem desde as escolas as suas necessidades e suas reivindicações.

A Corrente Proletária Estudantil está empenhada em retomar a história do movimento estudantil com o objetivo de potencializar a luta pela construção dos grêmios independentes e combater as direções conciliadoras que controlam os organismos estudantis, UNE, UBES e UMES.

O movimento estudantil, secundarista e universitário luta por melhores condições de ensino, pelo direito ao estudo gratuito e público em todos os níveis. Os estudantes da USP, Unicamp, Unifesp e Unesp se lançaram à luta, ocupando as reitorias e paralisando as aulas. Isso em defesa do ensino público e gratuito, da melhoria das condições de ensino e da democracia universitária.

**Conheça nosso programa: www.pormassas.org
Entre em contato: estudantil@pormassas.org**